

Documentos Especiais

PREPARANDO UMA NOVA GERAÇÃO DE LÍDERES CRISTÃOS

Janice Love foi directora executiva da Divisão de Mulheres da Junta Geral de Ministérios Globais da Igreja Metodista Unida, um cargo que ocupou desde Agosto de 2004. A divisão é o ramo administrativo de organização de Mulheres Metodistas Unidas que conta com um milhão de membros. De 1982 a 2001, Janice Love ensinou nos departamentos de Estudos Religiosos e de Estudos Internacionais da Universidade da Carolina do Sul, e serviu como directora de estudos graduados durante cinco anos. Começou as suas funções como decana da Escola Candler de Teologia da Universidade de Emory, em Janeiro de 2007, sendo a primeira mulher a ocupar a posição de decana na história deste seminário metodista unido. A Willson Lecture de 2006, imprimida a seguir, foi apresentada por ela durante a reunião de Outono da Junta Geral de Ensino Superior e Ministério, a 12 de Outubro de 2006, em Nashville, Tennessee.

O Metodismo Unido num Contexto Mundial: navegando o local e o global

Janice Love

Compreender as implicações das dimensões internacionais da Igreja Metodista Unida requer o estudo de um certo número de contextos dentro dos quais nos situamos. Seremos capazes de abordar mais criativa e conscienciosamente alguns dos complexos desafios enfrentados pela nossa igreja se nos esforçarmos por obter uma perspectiva mais analítica das tendências que existem no mundo, no cristianismo, incluindo o metodismo em todo o mundo, e no seio da nossa família denominacional específica.

Mais importante ainda é o facto de que quando tentamos compreender mais claramente o mundo que nos rodeia, cumprimos a nossa missão fundamental com mais eficiência. O parágrafo 121 do *Livro da Disciplina* da Igreja Metodista Unida lembra-nos que a nossa missão “é fazer discípulos de Jesus Cristo proclamando as boas novas da graça de Deus e exemplificando o mandamento de Jesus de amar a Deus e ao próximo, procurando assim a concretização do reino e do domínio de Deus no mundo”.

Este documento abordará com brevidade os contextos seguintes, que julgo serem dignos de nota: as tendências duplas da globalização e do localismo; as dimensões positivas e negativas de ambos; a Igreja Metodista Unida como parte de uma família mais vasta de metodistas e de cristãos; o papel dos Estados Unidos no mundo; vários assuntos delicados aos quais chamo “os elefantes entre nós”; e algumas perguntas que subsistem.

Falo com base nos meus próprios contextos pessoais, os quais incluem ser membro da Igreja Metodista Unida da Jurisdição do Sudeste desde que nasci, ter sido professora universitária especializada em política mundial durante a maior parte da minha carreira profissional, ser uma ecumenista com mais de trinta anos de envolvimento no ecumenismo local, nacional e global e ser uma cidadã dos Estados Unidos que tem viajado e conhecido diferentes comunidades cristãs em mais de quarenta países. Desfrutei estar directamente envolvida na governação do Conselho Mundial de Igrejas durante vinte e três anos, tanto quanto tenho o maior afecto pela minha congregação local, a Wesley United Methodist Church, na minha cidade natal de Columbia, na Carolina do Sul. Mais recentemente observei e participei na igreja a partir da perspectiva de ser a directora executiva de uma histórica organização de missão das mulheres, profundamente imersa nas parcerias para participar na obra de misericórdia e justiça de Deus em todo o mundo. No entanto, este documento não representa de forma nenhuma uma posição oficial da Divisão de Mulheres nem da Junta Geral de Ministérios Globais.

Devido aos diferentes contextos que moldam a minha forma de pensar, muito me apraz que tenham pedido a dois metodistas unidos provenientes de fora dos Estados Unidos para responderem às minhas observações. Não pretendo compreender completamente todas as dimensões destas questões ou ter muitas respostas, se é que algumas. O diálogo através dos nossos contextos nacionais e culturais melhorará a nossa capacidade para abordar estes desafios como igreja na sua totalidade e como família de metodistas.

Globalização e localismo

Alguns de nós temos idade suficiente para nos lembrarmos de um dos presidentes de nomeada da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, Tip O'Neill, que declarou em determinada altura, "Toda a política é local". Com isto queria ele dizer que os problemas e as preocupações das povoações e das cidades dos Estados Unidos afectam as acções dos seus representantes no Capitólio da nação e ajudam a determinar se serão reeleitos ou não.

Se ainda fosse vivo, Tip O'Neill poderia declarar que toda a política é global, devido ao impacto poderoso da globalização. No entanto, a realidade é que toda a política é tanto local como global. Duas importantes tendências estão a actuar no nosso mundo. A primeira, são os processos que aproximam as pessoas e os locais uns dos outros, ofuscando as fronteiras e ultrapassando as barreiras. A segunda, são os processos que separam as pessoas e os locais uns dos outros, realçando as fronteiras e as barreiras entre as pessoas que tentam diferenciar a sua parte do mundo ou a sua identidade, da dos outros. O termo *globalização* tem passado a ser o conceito mais amplamente utilizado para descrever o primeiro conjunto de tendências. O termo *localização*, ou *localismo*, descreve o segundo conjunto de tendências.

Estes paradigmas e tendências que parecem ser tão contraditórios, interactuam frequentemente para se reforçarem e mesmo para se influenciarem entre si. Muitas vezes, coexistem em determinados locais e podem ou não opor-se uns aos outros. Além disso, ambos podem considerar-se como tendo consequências positivas ou negativas, dependendo dos valores do observador.

Em primeiro lugar, examinemos a globalização. Este termo passou a ser uma palavra em voga. A sua utilização generalizada começou nos anos oitenta e tornou-se extremamente popular nos anos noventa. Tal como acontece com qualquer conceito em desenvolvimento, o seu significado variou consideravelmente com quase todos os analistas que o utilizaram durante mais de duas décadas. Alguns ridicularizaram o termo e outros adoptaram-no.

Tal como muitos outros, adopto a perspectiva de que a globalização é um *processo* que está a ocorrer em todo o mundo. Acelerou-se muito significativamente na parte final do século vinte. Declarar que a globalização é um processo é rejeitar as afirmações iniciais que definiam a globalização como um *resultado* ou um estado final que todo o mundo alcançaria em determinada altura. Continuam muitos debates sobre a globalização e a utilidade do termo, mas não temos tempo suficiente para aprofundá-los.

A definição que utilizarei é da autoria de Anthony Giddens. Este afirma que a globalização é “a intensificação das relações sociais a nível mundial que ligam as localidades distantes umas das outras, de tal forma que os acontecimentos locais são moldados por acontecimentos que estão a ocorrer a muitos quilómetros de distância e vice-versa”¹. Por outras palavras, a cultura, a política, a economia, a migração e outras actividades expandem-se através das fronteiras nacionais de tal forma que “os acontecimentos e as decisões que ocorrem num lado do mundo têm um impacto muito importante no outro lado”². Aquilo que parece ser local pode ser muito global e o que supomos ser global pode ser ao mesmo tempo muito local.

Esta definição tem várias vantagens. Deixa aberta a porta para investigar a possibilidade de que o conceito de globalização se possa aplicar a mais de um período de tempo na história. E julgo que este é claramente o caso. Esta definição também permite que se considere a globalização como multifacetada e as suas consequências quer como positivas ou negativas. No entanto, a globalização, não é a única tendência importante com que nos deparamos actualmente.

Ao mesmo tempo que as forças da globalização parecem unir as pessoas e as sociedades através de grandes distâncias geográficas, quer seja para o melhor ou para o pior, outras forças poderosas parecem separar as pessoas umas das outras, fragmentando o mundo em unidades sociais mais pequenas e descentralizadas. James Rosenau descreve esta tendência aparentemente contrária da seguinte forma: “A localização deriva de todas essas pressões que levam as pessoas, os grupos, as sociedades, os governos, as instituições e as organizações transnacionais a estreitar os seus horizontes e a retrair-se para processos, organizações ou sistemas menos abrangentes”³.

Se a globalização gera relações transcontinentais, então a localização concentra-se em actividades e relações muito mais perto de casa, isto é, no âmbito de arenas subnacionais ou nacionais. A globalização encoraja a semelhança e a uniformidade entre as pessoas, os grupos e os sistemas sociais, enquanto que o localismo⁴ fomenta as diferenças. O localismo separa “nós” de “eles”, enquanto que a globalização procura aproximar “nós” de “eles” para criar um “nós” combinado. A globalização exprime a vontade e a necessidade humanas de expandir os seus horizontes para receber os bens, os serviços e as ideias que não estão disponíveis em casa, enquanto que a localização encarna a necessidade humana de ter uma comunidade mais próxima, como a da família, dos arredores ou da cultura. Tal como a globalização pode ter consequências negativas (como o imperialismo), a localização também

¹ Anthony Giddens, *The Consequences of Modernity* (Cambridge: Polity Press, 1990), p. 64

² David Held, ed., *A Globalizing World? Culture, Economics, Politics* (New York: Routledge, 2000), p. 15

³ James N. Rosenau, *Along the Domestic-Foreign Frontier: Exploring Governance In a Turbulent World* (New York: Cambridge University Press, 1997), p. 87.

⁴ Para facilitar a leitura e a discussão, utilizo a palavra *localismo* de forma intermutável com *localização*, tal como acontece na maior parte da literatura.

se pode manifestar em tendências perniciosas, tal como a xenofobia. Ambas também têm um potencial positivo.

Alguns exemplos de localismo são os esforços para impedir o movimento dos bens e dos serviços para determinadas áreas, como as políticas de comércio proteccionistas; ou o ressurgimento de práticas culturais previamente suprimidas, tal como o debate em França sobre se se deve permitir ou não que as mulheres muçulmanas usem o véu para cobrir as suas caras.

Frequentemente, as tendências globalizantes produzem reacções localizadoras. Por exemplo, os meios de comunicação de massa levaram até às casas das pessoas em todo o mundo as imagens e as histórias da queda do Muro de Berlim em 1989, e os eleitores que formaram filas com quilómetros de distância para as primeiras eleições democráticas na África do Sul em 1994. Estes dois acontecimentos inspiraram todos aqueles que procuravam a democracia noutras partes do mundo onde os ditadores esperavam reinar durante anos. Ambos os acontecimentos ajudaram a espalhar o movimento mundial a favor dos sistemas nacionais mais democráticos.

Por outro lado, muitas vezes a globalização também subverte as tendências localizadoras. Por exemplo, os governos como o do Irão, que tentam eliminar o acesso dos seus cidadãos às influências culturais externas, vêem-se ultrapassados pelos satélites, pelos computadores e por outras tecnologias que irradiam da música, comentários ou imagens do exterior. Por sua vez, aqueles que promovem o local, com frequência aproveitam a infra-estrutura da globalização. Por exemplo, os líderes xenófobos que tentam mobilizar um grupo étnico para lutar contra um outro, podem utilizar a tecnologia das comunicações de massa, como foi o caso do genocídio em Ruanda (África).

A globalização e a localização têm interactuado, por vezes opondo-se uma à outra, e algumas vezes de forma sinérgica, através da maior parte da história humana. Em contraste com os períodos anteriores da história, o mundo de hoje apresenta graus de globalização muito maiores. No entanto, a localização sob muitas formas continua a ser importante, enquanto que as pessoas, as sociedades e os governos tentam manter o que está próximo deles.

As dimensões positivas e negativas da globalização e do localismo

Tanto a globalização como o localismo possuem dimensões positivas e negativas. A expressão *aldeia global*, por exemplo, invoca o nobre apelo para cuidarmos de todos os seres humanos no mundo, como se fossem nossos vizinhos, que vivem na casa a seguir à nossa. Por outro lado, a expressão *pilhagem global* representa a reacção de muitas pessoas quando o seu lugar no mundo cai sob o domínio ou o controlo de um governo, corporação ou outra instituição distante que tenta aumentar os seus lucros, muitas vezes à custa das pessoas que vivem nesse determinado local, empobrecendo-as. Por exemplo, algumas partes de África têm experimentado a pilhagem global através das chamadas “guerras de recursos”, isto é, os conflitos armados pelos minérios preciosos. Perguntem às vítimas dessas guerras o que pensam das indústrias globais do ouro ou dos diamantes, e dos “senhores da guerra” (*warlords*) locais, que são quem beneficia desses conflitos.

Adequadamente, muitas cidades e vizinhanças sentem muito orgulho em cultivar e exhibir a sua identidade histórica e o seu património cultural, o que constitui um aspecto positivo do

localismo. No entanto, quando esses esforços as levam a excluir os imigrantes ou as pessoas etnicamente diferente delas próprias, isto passa a ser uma dimensão negativa da localização.

Por conseguinte, nem a globalização nem o localismo são inerentemente bons ou maus. Qualquer um deles pode ser tóxico e implacável. Também podem dar a vida e ser misericordiosos. Por vezes são, claramente, uma mistura de ambos. Como igreja, devemos ter o cuidado de incorporar qualquer uma destas palavras num objectivo ou declaração de visão. Em geral, uma tal inclusão assume ou implica uma conotação positiva e pode provocar a confusão. Como cristãos, o nosso trabalho é assegurar que o processo da globalização e do localismo beneficiem todos. Como é óbvio, estes são alguns dos grandes desafios dos nossos dias.

Alguns exemplos da Igreja Metodista Unida ajudar-nos-ão a demonstrar estes conceitos. A globalização ocorre quando um grande número de metodistas coreanos emigra para uma cidade dos Estados Unidos. O localismo ocorre quando uma Igreja Metodista Unida local decide compartilhar as suas instalações com os metodistas de língua coreana que necessitam de um lugar para o culto e para formar uma comunidade cristã, redefinindo assim a identidade básica desta congregação específica local. Ambos estes desenvolvimentos são positivos.

A globalização ocorreu quando a Conferência Geral de 2004 se moveu a uma velocidade surpreendente para integrar a Igreja Metodista da Costa do Marfim (África) à Igreja Metodista Unida. O localismo ocorreu quando a mesma Conferência Geral decidiu não aplicar a estes novos Metodistas Unidos a fórmula que aplica a todas as outras delegações para determinar a atribuição do número dos delegados para 2008. Este exemplo contém dimensões tanto positivas como negativas.

A Igreja Metodista Unida no contexto do metodismo mundial e do cristianismo mundial

A maioria das igrejas fundadas nos Estados Unidos ou que têm uma longa história neste país, continuam a ser identificadas como igrejas dos Estados Unidos. Algumas denominações protestantes que têm as suas origens nacionais nos Estados Unidos, agora têm incorporado igrejas noutras partes do mundo à sua vida organizacional, mas a maioria decidiu não fazê-lo ou nunca considerariam fazer isso. Quer seja de que forma organizativa integrem igrejas de outros países nas suas operações a nível nacional ou mundial, estas igrejas continuam a manter a cultura, a política, a economia e outras marcas que as identificam como igrejas americanas.

Alguns dos modelos sobre a forma como essas igrejas se organizam, ajudar-nos-ão a ilustrar este ponto. A lista que se segue não é exaustiva nem definitiva, mas ajuda a perspectivar a nossa igreja e as nossas aspirações sejam estas quais forem.

1. Algumas das igrejas que têm as suas sedes nos Estados Unidos e que incorporam igrejas fora dos Estados Unidos são: a Igreja Metodista Episcopal Africana, a Igreja de Sião Metodista Episcopal Africana, a Igreja Episcopal USA e a nossa própria igreja, a Igreja Metodista Unida. Todas estas têm a maior parte dos seus membros nos Estados Unidos.

2. Algumas denominações protestantes com origens nacionais nos Estados Unidos, invariavelmente optaram por estabelecer relações próximas, incluindo convénios e alianças com igrejas fora dos Estados Unidos. Mas estas igrejas não incorporam de forma organizacional as igrejas na instituição da igreja baseada nos Estados Unidos. Alguns exemplos são a Igreja Baptista Americana, a Igreja Evangélica Luterana em América, a Igreja Presbiteriana (USA) e a Igreja Unida de Cristo.
3. Apenas a título de comparação, alguns exemplos de igrejas cuja sede e a maioria dos membros estão fora dos Estados Unidos que têm congregações no país são: A Igreja Mundial do Senhor (Aladura), a Igreja Síria Mar Thoma, a Igreja Metodista Coreana, a Igreja Apostólica da Arménia, a Igreja Ortodoxa Copta e o Patriarcado Ecuménico de Constantinopla.
4. Sem dúvida que uma igreja genuinamente global é a Igreja Católica Romana. Nenhuma região ou país domina os membros nem a administração da Igreja Católica Romana. Alguns outros exemplos genuínos de organismos confessionais globais que não pretendem um estatuto eclesiástico como igrejas oficiais, mas que tentam fornecer arenas mundiais para o desafio e a cooperação mútua são o Conselho Mundial Metodista, a Federação Mundial Luterana e a Aliança Mundial de Igrejas Reformadas.

A vasta maioria das igrejas em todo o mundo tem a sua membresia oficial e a sua administração eclesiástica contidas dentro das suas fronteiras nacionais. Através do seu trabalho de missão chegam a todas as partes do mundo, mas relativamente à membresia e à administração, mantêm-se dentro das suas fronteiras nacionais.

A partir da perspectiva global e ecuménica da comunidade cristã mais ampla, as igrejas da primeira categoria, tal como a Igreja Metodista Unida (isto é, igrejas que têm alguns membros fora dos Estados Unidos, mas cuja maioria dos seus membros se encontra neste país), são consideradas como sendo fundamentalmente igrejas dos Estados Unidos. Muitos daqueles que fazem parte da Igreja Metodista Unida *podem querer* que a nossa igreja seja compreendida e considerada como uma igreja global. A realidade é que, aos olhos do resto do mundo e particularmente do mundo cristão, não o somos. Na verdade, como já afirmei noutras ocasiões⁵, não creio que a Igreja Metodista Unida seja actualmente uma igreja global, nem o será durante as próximas décadas se for julgada por qualquer tipo de características. Trata-se simplesmente de uma simples declaração de factos, sem conotações negativas nem positivas.

Os dados demográficos demonstram a razão pela qual a Igreja Metodista Unida não é global. Os dados que se seguem são de 2001 e, por conseguinte, talvez um pouco antiquados e inexactos relativamente a alguns dos seus detalhes. (A maioria das estatísticas sobre a membresia religiosa carece de exactidão sobre os seus detalhes. Existem dados mais recentes para a Igreja Metodista Unida, especialmente nos Estados Unidos, mas não para os

⁵ “Is United Methodism a World Church?”, em Dennis Campbell, et.al., eds., *Questions for the 21st Century Church*. United Methodism and American Culture (Nashville: Abingdon, 1999), 4:258-70. Para um excelente resumo sobre como a Igreja Metodista Unida chegou até à sua actual configuração geográfica, ver Bruce W. Robbins, *A World Parish? Hope and Challenges of The United Methodist Church in a Global Setting* (Nashville: Abingdon, 2004).

metodistas a nível mundial. Optei por utilizar uma só fonte para todos os números, a título de coerência na comparação, com uma excepção). Estes números são colhidos pelo Conselho Mundial Metodista, que está a preparar a publicação de uma actualização para o próximo ano. Quer todos os detalhes estejam correctos ou não, neste caso os números servem bem para demonstrar onde se encontram os metodistas e os metodistas unidos no mundo. O Conselho Mundial Metodista reporta que existem cerca de 369 igrejas com raízes wesleyanas em 135 países.

Membresia Metodista no mundo

	Metodistas	Igreja Metodista Unida	Percentagem de Igrejas Metodistas Unidas na região*	Percentagem da região na Igreja Metodista Unida**
África	8.167.484 ⁶	2.854.593	35	25
Ásia	9.898.336	295.639	3	2.6
América Central e Caraíbas	501.684	10.000	2	.09
Europa	511,570	109.996	22	1
Médio Oriente	25.463	0		
América do Norte	16.363.862	8.249.579	50	72
Pacífico	1.530.303	0		
América do Sul	1.145.996	0		
Total	38.444.698	11.519.807		

Fonte: Conselho Mundial Metodista, *Handbook of Information*, 2002-2006, ed. rev. 2003.

* Percentagem de Metodistas na região que são membros da Igreja Metodista Unida. Por exemplo, 35 por cento de todos os metodistas africanos são metodistas unidos.

** Percentagem de membros da Igreja Metodista Unida que são dessa região. Por exemplo, 25 por cento de todos os metodistas unidos são africanos.

Existem mais de dois mil milhões de cristãos em todo o mundo. Cerca de 20 por cento destes cristãos são protestantes. Se compararmos sistematicamente a nossa igreja com estas grandes categorias, compreenderíamos ainda melhor que o nosso espaço específico é bastante pequeno no mundo.

Do ponto de vista da distribuição geográfica, a Igreja Metodista Unida pode descrever-se como uma igreja que tem a grande maioria dos seus membros nos Estados Unidos, uma minoria considerável (mais ou menos 25 por cento) em África e uma pequena presença em outras poucas regiões. Não somos globais. Esta é simplesmente a realidade daquilo que somos. Como igreja, claramente que temos uma visão de uma presença global e de um impacto mundial. Assim é como deve ser. Acima de tudo, somos wesleyanos e o mundo é a nossa paróquia! Mas com base no número dos nossos membros, não somos uma igreja global e não é provável que o venhamos a ser nas décadas futuras. Isto não sugere nenhuma falha para alcançar o ideal, mas também não indica um êxito retumbante da nossa parte. Trata-se simplesmente de uma declaração de factos.

⁶ Mudei os números mencionados pelo Conselho Mundial Metodista sobre a Igreja Metodista Protestante da Costa do Marfim: de 1,4 milhões para 678,243, a fim de reflectir a estatística mais recente publicada pela igreja.

No entanto, passamos muito tempo e energia a falar e a aspirar sermos uma igreja global. Quando estas conversas ocorrem, nunca tenho a certeza daquilo que as pessoas querem dizer com a expressão *igreja global*. Julgo que poderíamos produtivamente passar muito mais tempo a dialogar sobre a visão de sermos uma igreja decidida a espalhar o evangelho de Jesus Cristo, tanto em palavras como em actos, por todo o mundo, tal como a nossa declaração de missão exige de nós, em vez de nos esforçarmos literalmente por virmos a ser uma igreja global sob o ponto de vista da membresia e da organização. Creio que se abordarmos a discussão de uma forma diferente, isso talvez nos permita imaginar as possibilidades de dar um testemunho fiel de formas diferentes.

Algumas implicações de ser uma igreja historicamente baseada nos Estados Unidos

Quando discutimos o contexto global em que nos encontramos como igreja, não podemos evadir a discussão do papel dos Estados Unidos no mundo, dado que a grande maioria dos nossos membros vive nos Estados Unidos. Mesmo os cidadãos metodistas unidos que são cidadãos de outras nações, por vezes sentem inevitavelmente o impacto de uma igreja que é predominantemente americana⁷. Aqueles de nós que são cidadãos dos Estados Unidos precisam de falar aberta e francamente entre si, assim como com os cidadãos de outros países, sobre a influência que a nossa nação tem sobre as outras.

Quando ensinei cursos de estudos em ciências políticas, incentivei regularmente os meus alunos a recordar algumas das inspiradas palavras da Declaração da Independência e da Constituição dos Estados Unidos, tais como:

Consideramos que estas verdades são auto-evidentes: que todas [as pessoas] são criadas iguais, que estão dotadas pelo Criador com certos direitos inalienáveis, entre os quais se encontram a Vida, a Liberdade e a procura da Felicidade. Que para assegurar esses direitos, são estabelecidos governos entre [as pessoas], e o seu justo poder emana do consentimento dos governados...

Apesar de serem implementadas muito imperfeitamente naquele tempo, estas palavras, sobre as quais se edificou a Constituição e a filosofia das Luzes que motivou os seus autores, lançaram uma das experiências mais poderosas e persuasivas da história humana. Uma experiência que, com o tempo, virtualmente possibilitou os direitos civis e políticos a toda a gente dentro das fronteiras dos Estados Unidos. Este projecto do governo ainda em desenvolvimento pelo povo e para o povo pode continuar a ser melhorado. No entanto, desejando obter um controlo maior sobre as decisões que afectam as suas vidas quotidianas, homens e mulheres em todo mundo têm aproveitado profundamente a inspiração que a democracia americana lhes oferece.

⁷ Os membros da igreja local em qualquer país fora dos Estados Unidos (por exemplo, Moçambique, Filipinas, ou Suécia) talvez não possam experimentar as suas congregações como tipicamente “americanas”. Da mesma forma, os membros das congregações locais na Carolina do Sul, Indiana ou outras partes dos Estados Unidos talvez não se possam considerar a si próprios como estando integrados na mesma organização com os metodistas unidos em África, na Ásia ou na Europa. No entanto, a maior parte da administração e da governança de todas as congregações metodistas unidas em qualquer país, está ligada às estruturas institucionais, que tanto do ponto de vista cultural como organizacional são identificáveis como americanas, quer os membros a nível local possam experimentar isso ou não.

O aspecto negativo provém da reclamação por muitas pessoas nos Estados Unidos de que a nossa oportunidade excepcional para forjar uma democracia a partir do século dezoito nos transformou no novo “povo escolhido” de Deus. Historiadoras como Karen Armstrong⁸, chamam a nossa atenção para este paradoxo triunfalista que por vezes infunde a nossa herança democrática. Aqueles de nós que são americanos, estamos verdadeiramente reconhecidos e sentimos muito orgulho nas maravilhosas bênçãos da nossa nação. No entanto, algumas vezes, esse orgulho fica impregnado de um sentimento de superioridade chauvinista. Esse chauvinismo, aliado ao nosso poder político, económico e militar, algumas vezes tem levado o nosso país a dominar outros em várias partes do mundo e a impor a vontade do nosso governo sobre eles, quer estes estejam de acordo ou não. Apesar de “mantermos estas verdades como auto-evidentes”, frequentemente nós, os americanos, actuamos como se soubéssemos melhor que aquilo os povos de outros países necessitam e querem.

Por exemplo, durante o século dezanove, a doutrina do “Destino Manifesto” favoreceu a conquista dos povos indígenas que viviam na “fronteira” do território americano e proporcionou a evidência inicial no desenvolvimento da história, das dimensões mortais para criar os Estados Unidos; uma realidade que os escravos importados de África já tinham vivido durante dois séculos. Mais tarde, as primeiras incursões imperialistas do nosso país ou a ocupação de outros territórios, incluindo as Filipinas, Cuba e partes da América Central e da América do Sul, tiveram justificações semelhantes. Durante a Guerra-Fria, o governo dos Estados Unidos, ou os seus mandatários, intervieram militarmente com frequência em locais como a Grécia, o Irão, o Vietname, o Congo, a América Central e a América do Sul. Estas incursões continuaram a demonstrar uma certa consistência do poder do alcance negativo do país, cujo resultado tem sido, muitas vezes, a morte de números elevados de pessoas e/ou a consequente imposição de ditaduras duras que esmagaram os frágeis movimentos indígenas, com vista à democracia.

Por outro lado, a generosidade e a inspiração da tradição democrática americana, aliadas ao exercício internacional do nosso poder económico e militar, manifestaram-se com um êxito impressionante em menos ocasiões. Alguns dos êxitos mais notáveis foram a reconstrução do Japão e da Alemanha no fim da Segunda Guerra Mundial e, em sentido mais geral, o nosso apoio pós guerra para reconstruir as poderosas tradições democráticas na Europa Ocidental.

Algo muito interessante é que, ao tratar de convencer os seus cidadãos para entrar em guerra com o Iraque e ocupar esse país, os altos funcionários do governo dos Estados Unidos e outros, invocaram os antecedentes históricos da reconstrução no Japão e na Alemanha. Foram realçados estes casos bem sucedidos e não os casos do Irão na década de 1950, nem do Vietname ou do Congo nos anos sessenta, nem muitos outros exemplos na América Latina durante várias décadas do século vinte. Geralmente, considera-se que quase todas estas tentativas para reconstruir uma nação fracassaram.

Estas breves e grandes generalizações ocultam importantes detalhes históricos específicos. As causas particulares dos numerosos e discretos episódios de uma intervenção militar directa ou indirecta pelos Estados Unidos, variam ao longo de mais de um século, assim como a tolerância dos cidadãos americanos em relação às mesmas. No entanto, as

⁸ Karen Armstrong, *The Battle for God* (New York: Ballantine Books, 2000).

explicações do governo dos Estados Unidos sobre esta “obrigação de superpotência”, ou “alcance imperial”, têm-se mantido notavelmente constantes. Face a estas ameaças, sejam elas reais ou imaginárias, à nossa segurança nacional, o governo dos Estados Unidos tem optado repetidamente pelo uso de *meios* de violência e de dominação para conseguir aquilo a que frequentemente declara serem os *objectivos* da liberdade e da paz no exterior. Na melhor das hipóteses, os resultados são mistos e, na pior das hipóteses, constituem uma traição dos princípios fundamentais que nos são tão queridos.

Ao falar da história da nossa nação, nós que somos americanos, naturalmente que gostamos de insistir nos momentos autenticamente notáveis, quando contribuímos profunda e duradouramente para as possibilidades da democracia, da paz e da justiça em todo o mundo. Muitas vezes, da mesma forma natural, nos esquecemos ou nos lembramos selectivamente dos encontros difíceis e mortais que muitos povos espalhados pelo mundo tiveram com a nossa nação. Amigos e inimigos, tanto em África, na Ásia, na Europa, na América Latina, no Médio Oriente como em qualquer outro lugar, com frequência recontam muito melhor do que nós a história das nossas relações internacionais, porque muitas das suas sociedades têm sido vítimas dos nossos instrumentos contundentes e violentos do poder do nosso país. Como é óbvio, a democracia americana necessita de pessoas como nós que acreditam nos valores da liberdade, da justiça, do poder partilhado e no direito que os seres humanos têm de determinar os seus próprios futuros para viver e acalentar esses sonhos e visões mais autêntica e claramente, tanto no seu país como no estrangeiro.

Para todos aqueles entre nós, que somos cidadãos de um dos países mais democráticos do mundo, assim como o mais poderoso, como podemos assegurar resultados mais positivos e menos negativos decorrentes das tradições americanas, que ajudam a moldar as nossas vidas? Como é que os metodistas unidos de outras nações nos podem ajudar a que nos possamos observar com mais clareza? Que quadro da nossa presença no mundo pintarão os cristãos que não são metodistas unidos? Como é que as pessoas que professam outras profissões de fé, podem ajudar aqueles de nós que são cristãos (e metodistas unidos) e cidadãos dos Estados Unidos a compreender o poderoso potencial positivo do nosso legado, em vez dos aspectos implacáveis e perigosos do nosso poder no mundo?

Mais concretamente, quais são as implicações desta realidade política secular, económica e militar para a nossa igreja, a instituição que descrevi como uma igreja baseada nos Estados Unidos? Por exemplo, podemos fazer as perguntas que se seguem aos membros da Igreja Metodista Unida dos Estados Unidos: A dominação global do nosso país nas arenas seculares leva-nos a esperar uma visão da dominação global da Igreja Metodista Unida sobre todos os metodistas do mundo? Poderá ser um objectivo fácil e natural ao qual aspirar? É isto aquilo que queremos dizer ao falar da natureza global da Igreja Metodista Unida? Se assim não for, então o Conselho Mundial Metodista provavelmente deveria ter um papel muito mais importante na vida da Igreja Metodista Unida do que aquele que tem actualmente.

Será que as mais pequenas igrejas metodistas unidas localizadas na Ásia, na América Central e na Europa acham que a integração oficial com uma igreja rica e poderosa baseada num país rico e poderoso é mais convidativo do que ser uma das muitas (e talvez uma das mais pequenas) igrejas independentes com uma base nacional ou regional? Será que nós, os metodistas unidos nos Estados Unidos, por seu turno, nos deleitamos com a oportunidade de

recompensar a determinação destas igrejas de se “libertarem” das instituições, como algumas igrejas de estado na Europa, que dominam a vida religiosa nas suas nações?

E os vinte e sete milhões de metodistas que não são metodistas unidos? Será que os números consideráveis de metodistas que não são metodistas unidos na Ásia, em África, na Europa, na América Latina e no Pacífico recebem menos atenção (por exemplo, possibilidades de parcerias, tempo, dinheiro, troca de pontos de vista) da nossa parte como Igreja Metodista Unida, só porque institucionalmente estão separados de nós?

Além disso, as questões de poder, controlo e justiça surgem inevitavelmente quando as pessoas e as instituições com mais dinheiro tentam formar parcerias e/ou comunidades cristãs com aqueles que têm menos dinheiro. Estas questões complicadas podem ser abordadas com mais ou menos honestidade e integridade. A integridade e honestidade com que nós as abordamos *não* dependem de estarem institucionalmente integrados. Isto é, a integridade das relações da Igreja Metodista Unida com a Igreja Metodista da Bolívia, ou da Argentina, ou do Brasil, *não* depende do facto das nossas organizações serem independentes umas das outras. Da mesma forma, a integridade da relação entre a Igreja Metodista Unida nos Estados Unidos e a Igreja Metodista Unida nas Filipinas não depende de que todos sejamos membros da mesma igreja. As questões de poder, controlo e justiça devem ser abordadas, quer estejamos integrados ou não organizacionalmente na mesma expressão institucionalizada da igreja.

Do ponto de vista prático, um dos assuntos mais prementes tem a ver com a forma como os membros da Igreja Metodista Unida nos Estados Unidos tratam os metodistas unidos que não falam inglês, durante a realização formal das nossas reuniões. Nós que somos dos Estados Unidos não organizamos nem de forma sistemática nem conscientemente as nossas reuniões, como se verdadeiramente esperássemos um exame minucioso do trabalho da denominação pelos membros ou delegados provenientes do exterior dos Estados Unidos, particularmente daqueles que não falam inglês fluentemente.

Por outro lado, apesar de não serem sempre bem sucedidas, as instituições verdadeiramente globais procuram com mais cuidado captar a participação de todos os delegados, representantes, ou membros de uma junta de directores. Geralmente, essas organizações determinam quantas línguas de trabalho se utilizarão e pagarão todos os serviços necessários nessas línguas. Por exemplo, o Conselho Mundial de Igrejas tem cinco línguas de trabalho. Todos os documentos principais, as apresentações nas sessões plenárias, os relatórios e outros materiais de base são traduzidos para as cinco línguas de trabalho. Além disso, é providenciada a tradução simultânea por intérpretes profissionais nessas línguas. Aqueles que presidem, tentam deliberadamente manter o ritmo dos assuntos a uma cadência um pouco mais lenta que tem em conta as necessidades do trabalho de interpretação, fazendo pausas com frequência entre os oradores, para que os intérpretes os possam acompanhar. Isto faz com que uma reunião global funcione mais adequadamente como uma reunião de almas e corações através de diferenças de língua e de cultura.

A contrastar com isso, talvez porque muitas das nossas reuniões se realizam nos Estados Unidos, nós, na Igreja Metodista Unida frequentemente esquecemo-nos de assegurar que esses serviços sejam fornecidos. Além disso, chocamo-nos com o facto de serem muito dispendiosos! Devo admitir que me apoquento quando vejo ou oiço os apelos a *voluntários* para que dêem uma ajuda de *último minuto* para interpretar durante as reuniões da Igreja

Metodista Unida. Se os membros dos Estados Unidos realmente querem saber como os metodistas unidos deliberam fora dos Estados Unidos sobre questões importantes da fé em reuniões da igreja, devemos tratá-los como parceiros e não como convidados decorativos que recebem uma atenção mal organizada e sem convicção nas deliberações sobre os assuntos sérios que se estão a tratar. Mas, será que a nossa denominação quer assumir verdadeiramente esta responsabilidade e os custos relativos a esta inclusividade?

Os elefantes entre nós

Sei que já “me intrometi”, como nós dizemos às vezes na zona sul dos Estados Unidos. Mais uma vez, a minha intenção é simplesmente de levantar questões importantes que algumas vezes são difíceis de abordar. Quero chamar a atenção para mais duas questões que são particularmente difíceis. Faço-o correndo o risco de ser mal entendida ou indevidamente citada. Espero que não. O meu objectivo é trazer ao de cima, para uma análise cuidadosa e compassiva, alguns assuntos sobre os quais muitos metodistas unidos falam nos corredores e às refeições. Atribui-lhes um nome. São os chamados “elefantes entre nós”, porque constituem uma ameaça, mas ninguém quer arriscar-se a abordá-los abertamente.

Regularmente, faço palestras a metodistas unidos espalhados por todo o país. Durante uma sessão, falei sobre o declínio da membresia das Mulheres Metodistas Unidas. As nossas estatísticas demonstram as mesmas tendências gerais pela Igreja Metodista Unida nos Estados Unidos, isto é, o número de membros está a diminuir.

Indiquei a este grupo que a Divisão de Mulheres tinha lançado várias iniciativas para tentar travar essas tendências ou, ainda melhor, revertê-las. Com muito entusiasmo, tentámos cultivar novos membros. Um homem, simpaticamente das Mulheres Metodistas Unidas, tentou consolar-me dizendo: “Não se preocupe. Há uma solução para o seu problema. Basta que conte todas as mulheres da nova Igreja Metodista Unida da Costa do Marfim, que tem um milhão e meio de membros, como novos membros das Mulheres Metodistas Unidas. Isso fará com que as suas estatísticas pareçam muito melhores”.

Este comentário entristeceu-me e até certo ponto afligiu-me, dado que sugeria uma maneira superficial de entender a membresia das Mulheres Metodistas Unidas e da Igreja Metodista Unida. Expliquei a esta pessoa que, apesar de trabalharmos estreitamente com as mulheres das conferências centrais da nossa igreja, tanto as mulheres nos Estados Unidos como as mulheres das conferências centrais, têm exprimido sem equívoco a sua preferência para não estarem integradas institucionalmente numa única organização mundial vasta de missão de mulheres da igreja. Quase todas as organizações de mulheres na tradição metodista estão organizadas a nível nacional, em todo o mundo. Preferimos que seja assim, particularmente porque os assuntos relacionados com as mulheres e as crianças estão muito condicionados culturalmente. A nossa diversidade organizacional separada é um grande dom para todas nós. Descobrimos que as relações umas com as outras são mais produtivas, quando não tentamos forjar um conjunto de regras e regulamentos para nos governarmos com um só organismo institucional através das experiências culturais extremamente diferentes, com que as mulheres se deparam. Além disso, a World Federation of Methodist and Uniting Church Women [Federação Mundial de Mulheres Metodistas e das Igrejas Unificantes], possibilita que nos reunamos periodicamente a nível global.

No entanto, a questão aqui não é verdadeiramente sobre as Mulheres Metodistas Unidas, a Divisão de Mulheres, as nossas parcerias em missão com mulheres por todo o mundo. Em vez disso, a questão é sobre a perspectiva dos membros da Igreja Metodista Unida nos Estados Unidos e sobre as nossas possíveis razões para querer expandir a nossa igreja fora dos Estados Unidos. Tem-se dado muita atenção à perda dos membros e à diminuição dos orçamentos para as chamadas igrejas principais nos Estados Unidos. Será que os membros da Igreja Metodista Unida nos Estados Unidos estão cansados de lidar com o declínio institucional no nosso próprio país e, portanto, estão mais dispostos a incorporar metodistas independentes de outros países? Se não temos tido bons resultados nessa tarefa de agregar e de atrair mais membros nos Estados Unidos, apesar da população do nosso país e da abertura à devoção religiosa estarem a crescer, deveremos compensar isso atraindo mais membros fora do país? Além disso, o crescimento numérico é a melhor ou a única maneira de medir o sucesso na missão e na evangelização?

O segundo “elefante” entre nós que quero assinalar, relaciona-se com as afirmações de estar a cultivar um conjunto de votos africanos sobre questões controversas existentes na igreja. Provavelmente estão familiarizados com o Instituto sobre a Religião e a Democracia [The Institute on Religion and Democracy, IRD]. O IRD tem-se tornado muito conhecido nos últimos vinte anos devido ao seu engenhoso trabalho político e em relação aos meios de comunicação. A declaração de missão do IRD diz que procura reformar as igrejas, concentrando-se particularmente em três: Episcopais, Presbiterianas e Metodistas Unidas. A declaração diz que estas denominações precisam de uma reforma porque:

Particularmente nas denominações protestantes históricas “principais”, mas também nas outras igrejas, muitos líderes e instituições perderam a sua concentração no evangelho, a base da sua existência. Viraram-se para as agendas políticas que não são nem mandatadas pelas Escrituras nem pela tradição cristã. Dedicaram-se a múltiplas cruzadas, que frequentemente são esquerdistas: formas radicais de feminismo, ambientalismo, pacifismo, multiculturalismo, socialismo revolucionário, libertação sexual e muitas outras mais⁹.

Vós, os líderes da Igreja Metodista Unida que governam a Junta Geral de Ensino Superior e Ministério, reconhecei-vos a vós próprios nesta descrição? Acaso esta caricatura se parece à dos líderes com quem trabalham? Não me vejo nem a mim nem a outros líderes metodistas unidos nesta descrição derisória, mas isso ajuda-nos a todos a compreender o trabalho do IRD.

Num artigo publicado na revista *Touchstone*, em 2004, intitulado: “Luz do Continente Escuro” (Light From the Dark Continent), Mark Tooley, um membro do pessoal do IRD e um membro laico metodista unido, disse que a “ortodoxia” dos delegados africanos da Conferência Geral, estabilizaram a nossa igreja votando essencialmente como um bloco em 2004 sobre dois grupos de assuntos chave: questões relacionadas com a homossexualidade e com os candidatos conservadores para o Conselho Judicial. Também dá as boas-vindas à entrada do “milhão de membros da Igreja Metodista da Costa do Marfim” na Igreja Metodista Unida, porque isso aumentará o

⁹ “Mission Statement”, The Institute on Religion and Democracy; link electrónico: <http://www.ird-renew.org/site/pp.asp?c=fvKVLfMVIsG&b=278604>.

componente de delegados com direito a voto que não são dos Estados Unidos quase em trinta por cento e isso salvaria a igreja das chamadas tendências de votos infieis dos delegados dos Estados Unidos¹⁰.

Cynthia B. Astle, a anterior editora chefe da revista *United Methodist Reporter* e uma jornalista associada a uma causa profundamente partidária, tal como o IRD, escreveu num artigo recente para *United Methodist NeXus*:

*Outro factor significativo na política da Conferência Geral foi o crescimento da participação dos delegados internacionais na Conferência Geral... A questão mais influente deste grupo foi a aliança crescente entre os conservadores americanos e os conservadores africanos*¹¹.

Astle declara que este será “um bloco de votos chave a observar” na próxima Conferência Geral, forjado em parte pelo apoio financeiro para as necessidades pessoais de alguns delegados africanos por parte das “conferências anuais, grandes congregações e grupos de interesses especiais que pensam da mesma forma”.

Por um lado, estas são afirmações muito fortes e contenciosas, feitas por um escritor a promover um grupo de interesses especiais e, por outro lado, por uma jornalista mais objectiva. Não creio que o assunto fundamental neste caso tenha muito a ver com a homossexualidade. Em vez disso, estes artigos sugerem uma politização potencialmente intencional e contraproducente das diferenças geográficas da nossa igreja e uma mentalidade de “nós *contra* eles” que nada tem a ver com o fundo de qualquer questão.

Estudei e escrevi sobre várias partes de África durante a maior parte da minha carreira académica. Durante várias décadas nunca testemunhei uma referência ao “continente escuro”, tal como Mark Tooley utiliza essa expressão e, quando isso acontece, é apenas utilizada por aqueles que afirmam abertamente que o antigo controlo colonial dos brancos sobre os africanos era uma boa ideia. Surpreende-me que alguém que se orgulha em proclamar os africanos como aliados, permita que este título seja utilizado para um artigo.

Além disso, nunca conheci africanos como um grupo em que todos pensam o mesmo sobre um assunto. Os africanos não são mais facilmente manipuláveis para fins políticos do que os americanos, os europeus, os asiáticos, os latino-americanos ou qualquer outro grupo. Como qualquer outra região do mundo, a África é um continente complexo, com muitos países e com realidades sociais, políticas e económicas multidimensionais. A política da igreja, dentro e ao longo de diferentes nações do mundo, pode elevar-se ou não à altura dos princípios aos quais Cristo nos chama. Quando falhamos, os fracassos geralmente devem-se aos princípios e à ética que os indivíduos seguem e não às nacionalidades, culturas ou às características de outros grupos.

Seja qual for a veracidade das afirmações destes escritores, estes demonstram muito vivamente que precisamos urgentemente de nos conhecermos melhor uns aos outros como indivíduos, como pessoas de diferentes culturas e nacionalidades e, acima de tudo, como pessoas que proclamam a salvação através de Jesus Cristo dentro da tradição metodista.

¹⁰ “Light from the Dark Continent”, *Touchstone: A Journal of Mere Christianity* (September 2004); link electrónico: <http://touchstonemag.com/archives/article.php?id=17-07-062-r>.

¹¹ “Religion & Politics II: The ‘Mokita’ of Geral Conference”, *United Methodist NeXus*, 2006; link electrónico: <http://www.umnexus.org/context.php?Article=166>.

Conclusão

Em preparação para esta apresentação, tive o prazer de ler vários documentos que me foram enviados pelo pessoal da Junta Geral de Ensino Superior e Ministério. Em Março deste ano, adoptaram uma declaração da vossa missão, visão, valores fundamentais e objectivos que marcam um caminho fiel para o vosso futuro. Por vezes, a linguagem utilizada é eloquente e demonstra um trabalho cuidadoso e árduo. Devem estar orgulhosos com esta realização. Todas as agências e juntas gerais deveriam estar tão claramente focalizadas como a vossa!

Também li o documento “Apresentação do Fundo Metodista Global de Educação” (Introducing the Methodist Global Education Fund), que apresenta uma oportunidade empolgante para o desenvolvimento da liderança. Mais uma vez, os felicito pela vossa visão estratégica!

No entanto, quero fazer algumas perguntas que uma parte do documento do “Fundo Metodista Global de Educação” [Methodist Global Education Fund (MGEF0)]¹² me leva a fazer. Com base na visão, indicam que o MGEF será “um catalizador para transformar a Igreja Metodista Unida numa igreja global”. Nesta apresentação indiquei algo daquilo que julgo que esta frase significa e não significa. Que querem dizer com isso?

Querem dizer que tencionam transformar esta denominação chamada Igreja Metodista Unida numa verdadeira organização global com membros virtualmente provenientes mais ou menos em proporção igual de todos os continentes, tal como a Igreja Católica Romana? Querem dizer que desejam expandir a membresia da Igreja Metodista Unida agregando principalmente a esta denominação outras igrejas metodistas e outras igrejas da tradição wesleyana em todo o mundo? Se é isto aquilo que querem dizer, espero que a minha contribuição lhes ofereça elementos para reflexão e algumas perspectivas analíticas novas para explorar as várias implicações de um projecto semelhante.

Ou querem dizer que se associarão a qualquer e a todas as outras igrejas e instituições de tradição wesleyana ou metodista para assegurar que as futuras gerações de líderes tenham “excelência intelectual, integridade moral, coragem espiritual e santidade de coração e vida?” Sem dúvida que esta última frase é uma citação maravilhosa da declaração de visão da vossa junta geral. Se isto é aquilo que querem dizer, só posso aplaudi-los e encorajá-los. É um grande sonho inspirador que através da vossa liderança e da ajuda de Deus se pode converter em realidade. Contudo, se querem dizer que se confinarão à Igreja Metodista Unida quando mencionam “global”, então estão a deixar de fora a maioria dos metodistas no mundo, os quais também são muito importantes para o ensino superior.

Ou querem dizer que servirão a Igreja Metodista Unida e a família confessional metodista global mais vasta para “produzir uma nova geração que inspirará e transformará as pessoas do mundo”, citando uma outra frase dos vossos documentos; ou usando mais uma das vossas frases, para transformar “o mundo espalhando o evangelho e fazendo discípulos de Jesus Cristo”? Se assim for, liderem e nós seguiremos! O mundo e a família cristã necessitam desesperadamente desse tipo de transformação. Com a ajuda de Deus para um esforço como este, poderão transformar não apenas a Igreja Metodista Unida, mas também todo o movimento metodista global e, na verdade, talvez o mundo inteiro.

¹² Posteriormente, foi atribuído um novo nome a este fundo, a saber “O Fundo Metodista Global de Educação para o Desenvolvimento da Liderança” (The Methodist Global Education Fund for Leadership Development).

Respostas das Conferências Centrais

Almeida Lemba

Pastor da Igreja Metodista Unida de Luanda, Angola

Para alguém como eu – um pastor metodista unido africano há cerca de dez anos, que foi criado no meio de uma situação de guerra civil num país lusófono – é um desafio, responder a esta conferência apresentada por uma académica erudita que falou sobre vários tópicos, que abarcam mais de três décadas, uma colega metodista unida que conhece a experiência cristã em mais de quarenta países e que é cidadã do país mais poderoso do mundo de hoje. No entanto, apesar dos nossos antecedentes diferentes, solicitaram-me que respondesse a uma conferência que trata de questões que afectam os metodistas unidos que vivem neste mundo único, onde não se pode tocar numa flor sem perturbar uma estrela no céu.

Permitam-me fazer alguns comentários breves sobre alguns pontos chave que esta conferência levanta, em relação à missão da Igreja Metodista Unida de fazer discípulos de Jesus Cristo no mundo.

Primeiro, por *igreja global*, entendo que se trata de uma igreja que integra todos, que é a igreja de todos. Esta unidade não implica uniformidade em todos os aspectos do serviço da igreja no mundo. Isto é verídico mesmo para a Igreja Católica Romana, que a Dra. Janice Love apresenta como exemplo de uma verdadeira igreja global. Talvez não tenhamos dúvida de que a Conferência Geral e as reuniões das nossas juntas sejam organizadas de uma forma tipicamente americana. Todavia, não vejo ênfases culturais nem políticas tipicamente americanas no culto nem na administração da igreja nas nossas conferências centrais. Dado que a liderança nas conferências centrais é local, com poucos (se é que alguns) missionários, as pessoas não sentem que pertencem a uma igreja americana. E as pessoas sentem-se como metodistas unidos nessas conferências tanto como vós vos sentis aqui. Sob esta perspectiva, creio que a visão de uma igreja global para a Igreja Metodista Unida é passível de alcançar, se as igrejas americanas e não americanas trabalharem para este fim.

Segundo, a desproporcionada distribuição geográfica da membresia da Igreja Metodista Unida, com a grande maioria localizada nos Estados Unidos, sem dúvida que tem um impacto. No entanto, o maior impacto sobre as conferências centrais tem a ver com o poder económico, que deriva de fazer parte de uma igreja cuja maioria reside num país que é economicamente poderoso.

Em terceiro lugar, o Instituto de Religião e Democracia e o Movimento Confessional podem ter partidários nas conferências centrais africanas, mas não existe um bloco unificado. Suspeito que os delegados africanos à Conferência Geral de 2004 votaram no debate sobre a homossexualidade por razões diferentes das do IRD e do Movimento Confessional.

Finalmente, preocupa-me que tenhamos em conta a necessidade de uma boa tradução e interpretação, para que os delegados que não falam inglês possam estar mais envolvidos nas discussões sobre as questões de fundo.

Wilfried Nausner

Pastor da Igreja Metodista Unida de Graz, em Graz, Áustria

A minha resposta é claramente europeia. Este é o contexto que conheço. A minha própria experiência está ligada à Igreja Metodista Unida na Europa. Sou pastor de uma congregação metodista unida e decano de um programa de estudo teológico para os países balcânicos. Mas, para o assunto de hoje, a minha experiência e os meus conhecimentos que derivam da minha actividade nas relações ecuménicas europeias pode ser mais útil. De 1995 a 1997 fui secretário organizador local da Segunda Assembleia Ecuménica Europeia, realizada em Graz, na Áustria, sobre o tema da reconciliação. Esta assembleia inclui todas as igrejas europeias: a Católica Romana, a Ortodoxa, a Anglicana e a Protestante, com milhares de participantes.

Estou de acordo com a Dra. Love em que, para qualquer organização global, a língua é uma questão fundamental. Não se pode evitar isso de forma nenhuma. As pessoas que falam a língua maioritária assumem que os outros as entendem. Em geral, não fazem ideia de como é difícil exprimir os seus próprios pensamentos com conhecimentos rudimentares da língua maioritária. Além disso, a maioria usa as suas próprias aptidões na dita língua maioritária em seu próprio proveito. Seria muito útil pensar um pouco mais em como servir melhor as pessoas cujo idioma principal não é o inglês.

Estou de acordo em que a Igreja Metodista Unida não é uma igreja global. É uma das igrejas principais americanas com várias filiais espalhadas por todo o mundo. No entanto, e este é um facto interessante, estas filiais não são americanas. Na verdade, estão muito longe de ser americanas e, apesar de terem recebido ideias e valores essenciais que se formaram nos Estados Unidos da América e nas sociedades modernas, vivem essas ideias dentro dos seus próprios países e regiões.

Tomemos, por exemplo, a ideia de “liberdade de religião”. Esta ideia não é europeia. A ideia europeia é a tolerância. A tolerância significa que têm uma igreja maioritária que permite que as outras existam, obtenham os seus direitos e assim por diante. A tolerância não significa que todos sejam iguais perante a lei, ou perante o estado, ou quanto aos assuntos civis. Significa apenas que cada um pode fazer o que quer, mas que, no fim de contas, será sempre lembrado de quem detém o poder. A Europa tem sido formada em volta da ideia de nações, com a religião e a tolerância como porta e com um “aposento” para as minorias. Parte do papel do metodismo unido no continente europeu consiste em levar às pessoas a ideia da liberdade de religião. Em algumas regiões, a Europa aprendeu isso.

Ou tomemos a ideia da igreja como um organismo que é mais vasto e maior do que uma nação. Como já mencionei, na Europa a religião está ligada à nação. Este é o caso de muitas igrejas noutras partes do mundo, que têm a sua origem na Europa. A perspectiva europeia, que tem sido de organizar as igrejas nacionalmente, tem sido bem sucedida. Isto tem levado as igrejas a subordinar-se aos interesses nacionais, vezes sem conta. Os metodistas unidos têm insistido sempre no facto de que a igreja é mais do que uma nação e, por conseguinte, precisa de conservar, pelo menos, uma certa independência. Ao fazê-lo, os metodistas unidos têm dado algo à Europa que não poderia ser desenvolvido aqui. Através do metodismo, a teologia europeia tem sido constantemente desafiada para repensar o seu conceito de igreja.

A Dra. Janice Love tem razão: a Igreja Metodista Unida não é uma organização global. Mas, as outras igrejas são igrejas globais? Por exemplo, de muitas maneiras a Igreja Católica

Romana é uma igreja global que se mantém unida através de uma ideia antiga: o episcopado e a primazia. O princípio que mantém unida esta igreja diversa é a *obediência*. Se as situações não funcionam e se a discussão não chega a uma conclusão, há sempre alguém a quem obedecer. Este princípio é o mesmo em toda a parte. Como é que a Igreja Metodista Unida continua a manter-se como uma igreja unificada? Porque é que a maioria das pequenas igrejas europeias não viram as costas a uma igreja mundial? Não seria melhor para elas deixarem a Igreja Metodista Unida e formarem organismos nacionais que mantêm relações com o Conselho Mundial Metodista?

A Igreja Metodista Unida na Europa (especialmente a conferência central à qual pertença) sobreviveu sessenta anos de comunismo e manteve a sua conexão e estrutura na Europa Oriental e Ocidental. Em primeiro lugar, sobreviveu porque não era uma igreja nacional e, em segundo lugar, porque tinha algo para substituir a obediência. O que substituiu a obediência (devo esta ideia ao bispo Franz Schäfer, da Conferência Central da Europa Oriental e Meridional até 1989) foi a *consciência* dos membros da igreja. O metodismo só pode apelar para o coração e para a consciência dos seres humanos. Somos verdadeiramente metodistas unidos quando nos lembramos de que nos devemos manter unidos como igreja e que somos responsáveis pelo bem-estar uns dos outros. Wesley poderia ter dito: “Então somos verdadeiramente cristãos”. Esta consciência unifica-nos numa só igreja. Se a perdermos e se nos esquecermos de que somos uma igreja, dividimo-nos. Os metodistas têm feito isto com frequência e, cada vez que o fizeram, perderam algo. Mas se a consciência se mantém viva, ajuda-nos a sobreviver e a tornar-nos mais fortes. É assim que funciona o nosso sistema de conexões. Só funciona se tivermos uma vontade forte de permanecermos unidos e se tivermos um sentimento de que pertencemos. Tudo isto se baseia na consciência que Deus nos deu. Onde quer que seja mantido e estimado, o metodismo florescerá. Esta é a nossa contribuição especial para com o processo ecuménico. Por esta razão, o metodismo é uma cultura de conferências. Em certas partes da Europa aprendemos essa lição. A Igreja Metodista Unida tem filiais que não são americanas, que mantêm o metodismo vivo e que são um desafio para toda a Europa.

Não compreendo muito bem “os elefantes entre nós”. Mas permitam-me acrescentar este comentário. Espero que a Igreja Metodista Unida comece a discutir assuntos mais importantes do que a questão da homossexualidade. Espero que perca o costume de rotular as pessoas, quer seja de evangélico, liberal, ou qualquer outro. Creio que Deus não nos perguntará quem somos, mas sim onde está o nosso irmão ou a nossa irmã.

Agradeço à Dra. Love por nos ter lembrado que as coisas são globais e locais e que os mesmos assuntos se reflectem nos dois lados. Se assim for, primeiro que tudo temos o principal dever global e local: edificar a confiança das pessoas. O impasse em que nos encontramos ao nível político e global – a perda de confiança – está presente nos nossos lares, nas nossas comunidades e nas nossas igrejas. Temos que fazer algo acerca disso. E creiam-me que, em todos os níveis políticos, precisamos de pessoas em quem possamos confiar. A Igreja Metodista Unida e as suas agências estabeleceram uma consulta regular entre os Estados Unidos e a Europa (tanto quanto sei, é a única igreja que o faz). Isto tem contribuído muito mais do que imaginamos para a confiança e para o desenvolvimento das relações. A força desta consulta reside no facto de existirem poucas manobras políticas; baseia-se fundamentalmente na confiança e no diálogo. Este é um sentido em direcção ao qual a igreja se deve movimentar, provavelmente mesmo a nível mundial.

As Wilson Lectures foram concebidas para contribuir para o enriquecimento espiritual e intelectual relacionado com as juntas gerais e as agências da Igreja Metodista Unida e para apresentar tanto a estas, como à comunidade de Nashville, as contribuições eruditas de líderes que se distinguem no ensino superior e na filantropia pedagógica.

Direitos de autor © em 2006 pela Junta Geral de Ensino Superior e Ministério da Igreja Metodista Unida. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida de nenhuma forma, quer seja impressa ou electrónica, sem autorização por escrito, excepto no caso de breves citações incluídas em artigos ou críticas. Para obter informações sobre os direitos e autorizações, contactar o Departamento de Interpretação da Junta Geral de Ensino Superior e Ministério, P. O. Box 340007, Nashville, TN 37203-0007; telefone: 615-340-7383; fax: 615-340-7048; e-mail: hpieterse@gbhem.org Visite a nossa página electrónica em www.gbhem.org